

**CORRESPONDÊNCIA INÉDITA DE NESTOR VICTOR  
DOS SANTOS a EMILIANO PERNETTA (II) 1913 — 1914**

Organização e notas por:  
Cassiana Lacerda Carollo

A importância do conjunto formado pelas cartas de Nestor Victor dirigidas a Emiliano Pernetta, no período de 1913-914 situa-se, sobretudo, na caracterização ou possível esboço da evolução das idéias de Nestor Victor que, caminhando para o amadurecimento já apontado por Alceu Amoroso Lima, abandona "a intransigência do crítico provinciano (e) cede a uma mais larga compreensão do mundo e das idéias" (Primeiros estudos In: — **Estudos Literários**, Rio de Janeiro, Aguilar, 1960 p. 83).

A esta alteração operada no crítico corresponde, por sua vez, a força do contexto que, sob o influxo da guerra faz "crescer a responsabilidade da palavra", "calar a literatura" ou mais propriamente "a literatura dos cenáculos afastada do grande público". Como bem observou Amoroso Lima o primeiro influxo da guerra resultou no calar de vozes, para renascer das ruínas uma nova corrente humanizada, se bem que no Brasil a guerra não tenha fixado uma nova orientação e sim "fixado correntes indecisas".

A preocupação com a guerra trouxe uma consequente aproximação do problema nacional obrigando literatos e pensadores a uma revisão de valores.

O prefácio de Nestor Victor à **Crítica de Ontem** (1919) é sintomático "das ruínas do velho, um novo mundo surgirá", só quem não tem olhos para ver, ainda aos próprios escritores já formados e definidos, pode não ter percebido que tudo está mudando, até nas novas letras, com a mudança do mundo..."

Este livro, que reúne de um período anterior, e que o autor pretendeu, inicialmente, publicar em 1914, não o fazendo devido à absorção pelo "cataclismo sob que estremecia o mundo", é segundo suas próprias palavras um "o que fui, o que sou".

A guerra representa na marcha de suas idéias uma espécie de divisor de águas e a forma acentuada como viveu o problema vai sendo revelada pelas cartas, alguns de amargo pessimismo, notadamente, quanto ao "sentido" das letras e do vazio deixado pela aristocratização das idéias ou da arte distanciada artificialmente da realidade.

Rio, 15 de jan. 1913.

Meu caro Emiliano,

De acordo com teu telegrama ultimo, que com tanta solicitude me enviaste, mando hoje com esta um requerimento ao Governo do Estado pedindo a autorização que me dizes será concedida. Os termos do requerimento baseiam-se na proposta que entregarei ao Dr. Afonso Camargo quando aqui esteve, proposta<sup>1</sup> que foi aceita nos seus termos geraes, conforme tiveste a gentileza de comunicar-me por telegrama anterior, confirmado logo depois em carta daquelle nosso amigo e patrício ao Dr. Jesuino Marcondes. Não puz estampilha estadual porque a qui não ha mais de encontra-a- Peço-te, pois, o obsequio de revalidar o documento ahi como seja melhor. Incumbo-te desta massada por culpa tua, ja que tão espontaneamente quizeste até aqui tratar de tal negócio. Fico tranquillo a respeito. Ja agora acredito que elle terá bom termo. Como verás pela minha proposta, não aspiro a lucros com ella, pois não quero sahir do meu contracto anterior, embora me houvesse comprometido apenas a escrever alguns artigos e tenha dado o livro mais completo que hoje poderá consultar quem se interesse por nossa terra sob todos os seus aspectos. Si mais tarde reconhecerem que os meus oito meses gastos nesse labor valem mais do que a recompensa que tive de 3.000.00 ct rs é claro que eu não rejeitarei mais algum dinheiro que em forma de premio me queiram dar. Talvez seja ocasião de tratar-se disso no próximo Congresso. Mas é coisa esta que fica ao arbitrio dos meus amigos ahi. Eu, por modo próprio, nada mais pedirei.

Por que não me escreves?

Minha familia esta veraneando numa fazenda que arrendei por alguns meses no Estado do Rio. Vou lá frequentemente, mas também frequentemente estou aqui. Escreve-me, pois sempre para o mesmo endereço. Abraço-te fraternalmente.

Nestor.

R. Itapiruí, 326.

---

1 — Apesar das referências de Nestor Victor sobre o auxilio recebido através do Governo do Paraná, materializado em um contrato de 3.000,00 contos de réis para que ele escrevesse artigos sobre o Paraná e de uma segunda proposta, entregue a Afonso Camargo, ligada à publicação de *Terra do Futuro*, obra concluída em dezembro de 1912, não há no livro qualquer citação sobre tais fatos.

Rio, 15 de Fev. 1913

Meu caríssimo Emiliano.

Tua última carta, de 16 de janeiro, chegou-me às mãos depois de ja te haver escripto aquella que acompanhou o requerimento pedindo a autorização combinada, de acordo com um telegramma que poucos dias antes me passaras. Já então estava eu com minha família na roça, onde continuamos a permanecer e onde ficaremos espero eu que até o mez de Abril. Só venho à cidade de vez em quando, e é essa a razão por que até aqui não te havia respondido: ando aqui sempre às pressas, mal tendo tempo de attender às coisas mais urgentes. Depois que te mandei aquella carta com o dito requerimento, recebi outra do Dr. Affonso Camargo em que elle me dizia ter o Presidente resolvido dar a autorização mesmo sem requerimento algum. Apezar disso, entretanto, com requerimento e tudo até agora nada recebi naquelle sentido, conforme meu telegramma que ante-hontem, logo ao chegar aqui na cidade, te passei. Como até hoje ainda não tive resposta tua a esse despacho, induzo que também não estejas em Coritiba, não querendo fazer suposição peior que se relate com tua saúde. Tenho recebido esse teu último telegramma, fui mostral-o ao encarregado da edição de obras no J. do Commercio, e a lista de tal noticia resolveu aquelle homem começar a compor o livro, composição que ja vae adiantadíssima. Mas é justamente por isso que mais me incomoda não ter vindo até agora a autorização: porque o homem iniciou o trabalho em confiança<sup>2</sup>. Não tenho duvida sobre o bom desenlace deste negócio, acredito até que dentro de poucos dias tudo esteja aclarado e concluido. Deve escrever-te, entretanto, estas linhas, já que tiveste a bondade de quereres ser meu intermediário em tal negócio.

Aqui esteve o Dario, com quem muito conversei, graças a termos jantado juntos uma vez. Gostei muito de conversar com

(incompleta)

Rio, 12 de agosto de 1913.

Emiliano,

Parabens pela conclusão do teu trabalho theatral.<sup>3</sup> Desejo muito vel-o. Ha de estar à altura da linha triunfante em que vae o teu espírito subindo sempre.

Já deves ter em mãos. A Terra do Futuro, que te mandei por intermedio

2 — A obra Terra do Futuro (impressões do Paraná) foi efetivamente publicada pelo tipógrafo do Jornal Comercial ainda em 1913, porém nada consta sobre o apoio do governo à sua edição.

3 — Trata-se da obra Pena de Talião, publicada em 1974 e que conforme esta carta já estava concluída em agosto de 1913.

do Julio. A imprensa daqui tem recebido com verdadeiro carinho esse meu trabalho. Manda-me dizer como foi elle recebido ahi.

Agora que está livre da "Pena de Talião" trata de vir até cá. Estamos em plena época de conferencias.<sup>4</sup> Vem tomar parte no torneio. Serás muito bem recebido. Em tudo e por tudo estou certo de que lucrarás muito com a viagem.

Amanheci, muito contente. Mas coisas imprevistas vieram estragar-me todo o dia. Nem posso continuar a escrever-te.

Adeus, meu Emiliano. Que pobres mortaes que somos!

Nestor

R. Itapirú, 326.

Rio, 11 de Setembro de 1913.

Emiliano,

Muito agradecido pelas tuas palavras relativas à *Terra do Futuro*. Li hontem um artigo do Sebastião sobre o dito livro e vejo agora pelo Jornal de hoje que o Conego Braga publicou também uma analyse concorrente ao mesmo assumpto. Assim vão apparecendo afinal alguns juizos propriamente paranaenses. A imprensa daqui continua a tercer-me elogios por essa minha ultima obra. É claro que elles me desvanecem. Mas me parece que vocês, ahi, é que estão mais no caso de estudal-a, pois conhecem o assumpto perfeitamente. Vê si estimulas outros a falarem do livro. Que não se diga depois ter havido no Rio mais interesse por essa minha produção do que na terra de que sou, a um tempo, e a que ella se consagra totalmente.

4 — Sobre a "época das conferências" é interessante consultar a obra de Brito Broca, *Vida literária no Brasil — 1900* (5 ed., Rio de Janeiro, José Olympio, MEC, 1975), pois o costume de pronunciar conferências literárias, imitado de Paris, acaba por impor "um gênero" já que faziam parte das promoções obrigatórias da vida literária. Espetáculo mundano, às vezes pago, a moda das conferências já tem seu primeiro concorrente declarado em 1907 conforme o título de um artigo do *Correio da Manhã* "as conferências e o cinematógrafo. Além do êxito no Rio encontraram atmosfera nos Estados: Alcides Mao promove em 1907, a viagem de Coelho Neto ao Rio Grande do Sul. Duque Estrada visita o Nordeste e Nestor Victor não fugindo à regra viaja à Minas convidado pelos "Romeiros do Ideal" onde, em 1900 profere palestra sobre Cruz e Sousa, vem ao Paraná a convite do Centro de Letras, etc.

Emiliano Perneta irá ao Rio e, a 7 de agosto de 1914 lê, em ato público presidido por Alberto de Oliveira sua peça *Pena de Talião*.

Em plena época de agitação decorrente do clima gerado pela eclosão da guerra o poeta paranaense foi "bem recebido", porém não pôde obter o sucesso esperado.

Manda-me os desenhos de q' precisas para a "Pena de Talião". Aqui mandarei fazer os clichês.<sup>5</sup>

Sahiu ha pouco o novo livro do Hermes Fontes.<sup>6</sup> Fiz uma crítica a este e ao volume anterior.<sup>7</sup> Logo que ella seja publicada, enviar-te-ei.

Continua bastante assinada a estação literária e artística aqui. E pena que não possas vir este anno. Porque? Novos amores? Desconfio...

Mando hoje pelo Correio o exemplar que reservava ao Centro de Letras Paranaenses do Paraná.<sup>8</sup> Não foi antes porque se estava encardenando.

Fiquei contente com a noticia de que o Santa Rita<sup>9</sup> está em actividade. Actividade literária, não preciso dizer.

Desde que soube andarem voces dois agora quasi sempre juntos, vi logo que era possível uma prova dessas afinal por parte do nosso amigo. Elle do que precisa é principalmente de estímulo.

Não sei que fim levaram os desenbargadores Silveira da Motta e Euri-chsen. Ja teriam abalado novamente para lá?

Tenho andado atarefadíssimo ultimamente. E pena que tudo isso renda tão pouco. Mas, como dizia o outro, são sortes.

Nestor.

R. Itapirú. 326.

Rio, 1.<sup>o</sup> de julho, 1914

Emiliano.

Tenho andado embaraçadíssimo com varias coisas, entre elles o lançamento do opusculo do Silveira Netto, coisa que sempre dá muito trabalho, como saber, tanto mais quando as redacções, na sua maior parte, encorramavam a noticia a quem se faz padrinho da obra.<sup>10</sup> como neste caso mais uma vez, tem acontecido.

O meio literário vai muito mal. Sopra um vento de insanía nessa atmosfera, consequência, alias naturalíssima, da insanía geral. Aqui conversaremos a tal respeito quando chegares. Não tenho ouvido falar na tal res-

5 — Apesar do interesse manifestado por Nestor Victor, Pena de Talião foi publicada em 1914 pela Livraria Mundial (Lobato & Cia.) sem qualquer ilustração.

6 — Em 1913 Hermes Fontes publica Gênes.

7 — Trata-se de Apoteoses publicada em 1908. O estudo referido por Nestor Victor será incluído na Crítica de Ontem.

8 — Trata-se do Centro de Letras do Paraná. A dúvida do autor já aparece em A Terra do Futuro quando diz à página 197 "fundou-se ultimamente um Centro literário".

9 — José Henrique de Santa Rita viveu no Rio durante a fase "heróica do simbolismo" razão pela qual o próprio Cruz e Sousa em carta a Gonzaga Duque irá inclui-lo entre os autores estreitamente relacionados com a "nova tendência". Após retornar ao Paraná, onde permanecerá retraído durante algum tempo, publicará na revista Fanal (entre outras) um ensaio "Introdução ao estudo crítico da Ilusão" (n.<sup>o</sup> 15 a 17 abril a junho 1913) p. 243-253).

10 — Importante referência sobre a relação entre a atividade crítica e a vida literária quando o autor queixa-se do "apadrinhamento" de obras, "encorendas" de noticia, etc.

tauração do parnasianismo pregada pelo Bilac,<sup>11</sup> segundo me dizes; não acompanho as revistinhas de que elle é papa. Acho, porém, a coisa muito explicável, si ligarmos mais esse phénomeno aos outros que caracterizam a aberração do momento.

Estimo bem que o nosso Domingos ande contentíssimo. "A Hulha Branca"<sup>12</sup> pol-o na corrente, afinal. Não foi à tóia que elle se lembrou de recorrer a tão poderosa força. Si, porém, elle pensa poder utilisal-a para coisas políticas, não lhe vá acontecer ficar envolvido no rodopio das cataratas. É curioso observar-se de que recursos se serve a natureza até para obrigar os poetas a darem de si o que tem de dar, quando lhes falta o puro entusiasmo pelas coisas ideaes...<sup>13</sup>

Hontem respondi ao Sr. Laval satisfazendo um pedido que ele me fez. A coisa é relativa ao livro da Lucie,<sup>14</sup> cuja publicação vejo que está sendo difícil, mesmo não fazendo ele questão de maior ou menor despesa. É uma desgraça este paíz, quando se cahi no capítulo das letras.

Fico à tua espera, meu caro. Conto que, juntos, poderemos modificar as tediosas consequencias desta amarga que o nosso outono vos dá. Falo do outono da vida. Quando ao inverno que estamos, esse representa mais um logro para nós aqui no Rio, pois está sendo quasi que um completo prolongamento do verão.

Até por cá.

Afectos do teu

Nestor

R. Itapirú, 326.

11 — A visão lúcida do momento de crise e as distorções apresentadas pela sua projeção na literatura dão ao crítico uma oportunidade de fazer novas restrições ao parnasianismo e à liderança de Bilac.

12 — A obra de Domingos Nascimento a que se refere Nestor Victor é *A Hulha Branca do Paraná* que tem como subtítulo "vulgarização e estatística em bela prova de arte". já citada em *Terra do Futuro* como obra "inédita". Domingos Nascimento que desenvolveu íntima atividade relacionada com os primórdios do simbolismo publicando *Revoadas, Trenos e Arruidos*, participando do grupo da *Revista Azul* além de outros periódicos, abandona os grupos ligados ao movimento para exercer outras atividades, sobretudo políticas, participando ocasionalmente de publicações.

13 — A ironia sobre "os recursos da natureza" presta-se para caracterizar a concepção simbolista de arte, teorizada na maior das vezes por Baudelaire em seus ensaios em que proclama "a imaginação criadora" a "arte mnemônica", o artificial ou artefato.

14 — Nova referência aos trabalhos de "encomenda" onde parece estar incluído o prefixo à obra *Dans l'ombre* de Lucie Laval, publicada em 1924, com prefácio bilingüe por Nestor Victor.

Rio, 3 de julho, 1914

Emiliano,

Conversando eu hontem com o meu amigo Dr. Murtinho Nobre, falei-lhe da molestia de que sofre aquelle valentão, filho de D. Elisa. Disse-lhe que os medicos ahi não lhe davam volta. Pela descripção que lhe fiz da doença disse-me elle que se deve tratar naturalmente de um sarcoma, molestia gravissima. é certo, mas que às vezes se consegue curar. Deu-me a receita que vae junto.<sup>15</sup> Convirá que se persista no tratamento por 4 mezes ou mais, e que nesse tempo immobilize-se a coxa no ponto em que há o tumor a fim de que se possa formar a cicatriz. Parece-me que não custaria muito experimentarem. Eu tive muita satisfação em obter essa receita.

Quando vens? não deixes de avisar, conforme combinamos.

Recebe ainda este abraço por carta, do teu

Nestor.

R. Itapirú, 326.

Dos retratos que me mandaste pelo Correio, quero dizer q' entre os retratos falta um: aquele em q' nos photographamos os dois juntos. Trázel-o quando vieres. Sim?

N.

Rio, 20 de julho de 1914

Emiliano,

Manda-te hoje um exemplar da "Ilustração Brazileira", em que vem uma das chapas que ahi tiramos com o Santa e o Silveira.<sup>16</sup> Sahiu muito bom o trabalho. Mando também um exemplar a cada um daqueles nossos companheiros. Quasi todos os jornais já tem falado elogiosamente do opúsculo do Silveira;<sup>17</sup> ainda hoje lhe mando coisas nesse sentido. Não se pode contar no caso com a espontaneidade que houve para com o trabalho do Domingos, em consequencia principalmente da edição em que as paginas

15 — Acompanhando a correspondência de Cruz e Sousa a Nestor Victor pode-se observar o costume de recorrer a aconselhamentos de saúde ou receitas por correspondência (Vide carta de Cruz e Sousa 18/3/1986, carta do Dr. Monteiro Azevedo 27/3/1987, incluídas na obra de R. de Magalhães Jr. Poesia e vida de Cruz e Sousa). Neste tipo de problemas Nestor Victor sempre manifesta o maior interesse, obtendo receitas, transmitindo conselhos médicos.

16 — Em junho de 1914 a Revista Ilustrada (Rio) publica a referida foto onde aparecem Emiliano Perneta, Nestor Victor, Santa Rita e Silveira Neto.

17 — Em 1914 Silveira Neto publica Do Guaira ao Saltos do Iguaçu, obra ilustrada porém tipograficamente mal apresentada.

do poeta do *Luar de Hinverno* se apresentaram. Ainda assim, já se pode dizer que a coisa foi muito bem recebida.

Peço-te um obsequio: não deixes de mandar tirar uma duzia de exemplares daquelle teu retrato que me deste para podermos fazer face aos pedidos das relações quando tinham de noticiar alguma coisa a teu respeito: estamos agora na loucura da estamparia.

As coisas por aqui continuam muito exquisitas, mas a gente vai tratando ao menos de fingir que vive. Vem quanto antes para me dar mais coragem. Serás aqui muito bem recebido ao menos pela roda que anda com asco pelas cinsanias e pelas infamias da epoca... estivesse: no terreno literário.<sup>18</sup> As vezes, meu Emiliano, a gente tem de segurar a cabeça vendo andar tudo em roda. — tal é a tonteira que tudo isto nos causa. Parece que todos e tudo rodopia numa loucura só...

A penna está muito ruim, mas eu não tenho coragem de mudal-a. Também ja está feita a carta só resta agora mandar-te muitas saudades e aos nossos amigos. Quem as manda é o teu

Nestor.

R. Itapirú. 326.

Rio, 9 de Dezembro 1914

Emiliano.

Recebi hontem tua carta. Andava para escrever-te ja ha muitos dias, mas me faltava o estímulo, que tua carta me veiu dar.

Como te acontecia, até ha pouco a linha do Cisne era a minha preocupação constante. Agora também ja estou aliviado dessa obsessão.<sup>19</sup> Os ingleses estão accumulando forças de cada vez mais consideraveis no Continente e desse modo pelo menos garantindo por enquanto Paris e Calais. O governo francez vae voltar para a sua capital, o que é prova de que esta já está sufficientemente garantida da invasão. O diabo é que a guerra parece ter de prolongar-se ainda por muito tempo. Confirma-se hoje a retomada de Londres pelos allemães e por conseguinte desenha-se a possibilidade destes voltarem de novo a ameaçar Varsovia. O exercito russo

18 — É interessante a observação sobre o entusiasmo mundano que invadiu as letras no período desta carta. Vide notas à carta 3.

19 — Observe-se a auto-crítica de Nestor Victor contida na consciência da antiga pela "lenda do Cisne" e a razão que motivou um certo abandono da preocupação constante em promover a obra de Cruz e Sousa. É bem verdade que superada a inquietação da guerra Nestor Victor retomará a defesa do "Cisne Negro" como no ensaio *Elogio do Amigo*, obra que caracteriza a sua opção pelo intimismo manifestado na "teoria da amizade", teoria esta cujos conceitos significarão a sua forma de antítese à cumplicidade dos cenáculos literários.

accumulado nas fronteiras ainda não é tão numeroso como dizem os tele-grammas. Homens não faltam à Russia, mas transportal-os até o scenario da guerra devidamente municiados, ahi é que está a questão, tanto mais na estação hibernal. Quer me parecer que só depois dos primeiros mezes do anno vindouro é que poderão dar acontecimentos mais decisivos em favor dos aliados. Até há muito conseguirão estes impedimentos o inimigo de realizar qualquer um dos seus mais importantes objectivos. A Alemanha só poderá ser vencida pelo cansaço e pelo esgotamento de forças e de recursos, não sendo, aliás, impossivel que as circunstâncias ainda venham a impor uma raz que lhe não redunde numa derrota muito desastrosa. No princípio da guerra, estava no interesse dos alemães abreviarem-na o mais possivel, agora está no seu interesse alongal-a o quanto puderem. Elles já passaram de facto para a posição defensiva, falta-lhes gente para pretenderem manter-se numa offensiva arrogante e confiante como aque adaptaram no começo das hostilidades. Mas essa defensiva, que ainda mal se caracterisa, pois quasi toda ainda se passa em território estrangeiro, ainda é muito robusta, e mesmo quando se transporta para o território allemão poderá ser muito demorada e muito heroica. Além de tudo, a natureza do terreno, quer na França, quer na Polonia, quer na propria Alemanha, lhes é muito favorável. De tudo isto se conclue que o mundo não entrará em paz tão cedo. Isso representa uma grande calamidade para toda a civilização, inclusive para nós, — inteiramente desarvorados como ja estavamos antes da guerra.<sup>20</sup> Lá se foi o pouco de alegria que ainda tinhamos, e não sei o que nos espera. Em letras nem é bom falar. Quasi que já não ha mais isso por aqui. A não ser o ruidoso sucesso do Felix Pacheco com o seu livro de versos e a entrada do Austregésilo para a Academia, de mais nada se tem falado ultimamente no Rio a tal respeito.<sup>21</sup> Eu vou trabalhando como posso, mas confesso que bem esmorecido. Ainda o que so aquele, a ti e a mim, é este interesse que estamos tomando pela guerra, — o unico phenomeno, afinal de contas, digno de absorver quem é homem neste momento. Consulte-nos ao menos uma coisa, e é que a França, embora continuando no sacrificio precioso de tantos milhares de vida, ainda, por dia, ja esta livre, — tanto quanto é possivel prever, — de ser esmagada brutalmente pela bota allemã, e que, seja como fôr, o mundo ja se pôde considerar livre do jugo germanico. Terminem as coisas como terminarem, ja se pode dizer que falhou a cartada allemã. Não tem duvida que uma coisa, entretanto, vai conseguindo essa gente: é avalar de cada vez mais o mundo, por modo a deixal-o meio em ruinas quando o jogo terminar. Que será do Brazil até la?! E

20 — Em 1914 Felix Pacheco publica sua obra *Poesias*. A entrada na ABL de Antonio Austregésilo, que colaborou em revistas simbolistas sob o pseudônimo de "Antonio Zilo", não terá a mesma significação para o simbolismo que teve a fase de Felix Pacheco considerado a "oficialização" do movimento.

21 — A preocupação que a guerra provocou em Nestor Victor tem como manifestação concreta os trabalhos ligados à Liga Brasileira dos Aliados, que teve como presidente Rui Barbosa, vice-presidente José Veríssimo e como secretário Nestor Victor.

que será de nós, meu bom amigo, que ja fomos colhidos nesta hecatombe quando nos era lícito ir começando a sonhar com mais suaves dias para a nossa vida de pobres sacrificados até aqui? Seja como fôr, continuemos a corresponder-nos, a falar-nos ao menos assim á distancia, consolando-nos com o sentimento da nossa invariável amizade.<sup>22</sup> Ainda não sei se poderei ir neste verão até lá, as dificuldades cada vez são maiores. Vamos passando menos mal de saúde, felizmente. Todos muito se te recommendam, inclusive o Fitinho, que ja fez exame e tirou "distinção com louvor" Elle agora anda muito preocupado com gaiolas, quer dizer, começa a ter a preocupação ilusória de todos nós. Não andas preocupado com gaiolas também? Saudades aos amigos e a ti, do teu

Nestor.

R. Itapirú, 326.

Rio, 23 de Dezembro 1914

Emílio,

Respondo a tua carta de 7. Só hontem pude ir ver a Zulma, a quem dei teu recado. Perguntando-lhe porque não aparecera ainda em nossa casa, disse-me que, depois da molestia da mäi, cahiu ella doente e doente esteve durante um mez. Realmente, está muito magrinha e pallida. Parece-me que lhe faltam recursos para seguir. Enfim, como o João vae ser deputado geral, a situação mudará para ella dentro de alguns meses. Encarreguei-a muito e insisti de novo porque viesse passar algumas horas conosco. Prometteu vir. Pobres das mulheres "hermoso ser para llorar nascido", como disse o hespanhol.

Como tudo, todas as minhas horas disponíveis, gasto-as em pensar na guerra. Apenas, eu não tenho duvida sobre a victoria dos aliados, que cada vez mais segura se torna. Os allemães já não tem effectivos para uma defesa efficiente no oeste e para o lado da Russia. Estão agora fazendo desesperados esforços por tomar Varsovia a ver si detêm a invasão dos moscovitas, mas perdem terreno todos os dias na França e na Belgica. Occupam apenas agora 1,75% do territorio francez. Na propria linha do Aisne ja tem recuado muito. A offensiva franceza acentua-se de dia para dia, assim como a ingleza e a belga. Não ha muitos dias seguiram para os campos de operação 400.000 conscriptos francezes. Os inglezes ja tem cerca de 450.000 homens no continente e até a primavera hão de ter um milhão. Ja tem em armas dois milhões de homens; preparam agora um exercito de mais um milhão, sem contar com as forças coloniaes, que também se estão organisando principalmente no Canadá. Os russos tem recuado até aqui

22 — Nesta carta já fica delineado o sentido que o autor atribui à amizade.

para melhor se fortificarem no Vistula, que é a chave de Varsóvia. A tomada de Mlawa, que elles conseguiram, tem-nos garantido por enquanto do envolvimento, ja duas vezes tentado em vão pelos allemães nesta ultima investida. Seja como fôr, entretanto, não ha receiar um desastre irremediável nas tropas moscovitas. O grão-duque Nicolao, general em chefe do exercito russo, é um brilhante capitão, que saberá sahir-se o melhor possível nas actuaes emergencias, e, desde que não haja um grande desastre em favor dos allemães, o que estes lucrarão por fim será a perda de muitas centenas de milhares de homens de sua parte, quando o exercito teutonico ja não está em condições de reparar mais tão grande sacrificio. Aos russos não faltam homens, faltam provisões e difficulta-se com o inverno o serviço da intendencia. Mas, vencidos ou vitoriosos nesta refrega, uma vez que evitem ser envolvidos e esmagados horrivelmente, — dentro em pouco terão os allemães de novo que enfrental-os, e ahi ja enfraquecidos, ou então reforçados por contingentes que farão grande falta, cada vez maior, para o lado de oeste. Por mais que eu me esforce por ter isenção de momento, e descobrir o meio pelo qual os allemães ainda poderão alcançar a victoria nesta guerra, não o acho, a não ser em terremotos, grandes revoluções nos paizes aliados, ou coisas assim inteiramente imprevisíveis. É certo, no entanto, que só o facto de alongar-se esta guerra, como parece terá de se alongar, causa-nos grande tristeza e fundas apprehensões. Sobretudo, pela França. Os allemães ja devem ter perdido acerca de 1.500.000 homens, mas calcula-se que os franceses também ja perderam 700.000 homens, mais ou menos; as perdas da parte da França tem sido de pouco mais de 34%, o que é terrível. Até o fim da guerra, a França terá sacrificado talvez nada menos de 2.000.000 homens, e para um país que ja soffre de despopulação chronica isto é medonho. Receio muito do futuro da França<sup>23</sup> depois desta Guerra: ella sahirá desabafada daquelle pesadelo que a opprimiu durante 40 annos; mas poderá por muito tempo sustentar seu papel de nação de primeira ordem, diante das novas potencias mundiaes que ahi surgem com centenas de milhões de habitantes para cada uma? A guerra actual não representará a desorganisação da Europa culta em favor de uma Europa barbara, em que a Russia represente um papel muito predominante, talvez aliada ao Japão e conseguintemente ainda mais perigosa para o mundo occidental? A própria Inglaterra poderá fazer face a onda revolucionária que ja lhe ameaçava a segurança antes da guerra? Todas estas apprehensões são que me acabrunham, mais do que o proprio horror da immensa carnificina actual. Além de tudo isso, ha que pensar na triste sorte do nossos paiz, que não sei como se ha de sahir si a luta na Europa continuar por mais

23 — A preocupação com o destino da França reafirma a posição do crítico já manifestada em sua obra *Paris* (1911) quando situa a civilização francesa numa "posição central", privilegiada, que lhe impõe as mais sérias responsabilidades, mas que por outro lado é a mais alta e mais bela a que lhe fora dado inspirar" p. 281. Campanhas em favor da França também foram desenvolvidas por João Ribeiro, Bilac e sobretudo por José Veríssimo no periódico *O Imparcial*.

um anno ainda. No futuro, toda a America do Sul terá muito a ganhar com as convulsões do velho mundo. As correntes imigratorias tornar-se-ão colossais, principalmente si após a guerra das nações entre si vierem as guerras civis, quasi inevitáveis. Mas até lá como nos arranjaremos, nós, que ainda estamos presos pelo embigo à Europa, e à América do Norte, porque de lá é que nos vem o dinheiro que nos sustenta, o trigo que nos sustenta, quasi tudo que nos sustenta, ainda?! Com franqueza, nestas conjunturas, um homem chega a invejar os imbecis e as mulheres, que são incapazes de pensar, que vivem em tempos como estes cuidando apenas dos seus interesses de cada dia, tratando como podem de gozar a hora presente, até já esquecidos de que a Europa está pegando fogo. Realmente, afinal que nos adiantam tamanhos tormentos? O diabo é que por mais que a gente se esforce não acha graça alguma no mundo agora, e que do facto tudo está muito sem graça, principiando pelas nossas *letrinhas*<sup>24</sup>. Não entretanto, que em vá trabalhando como posso. Continuo a organizar meus trabalhos ja feitos e a produzir alguma coisa, — pouca cousa de novo. O Bueno Monteiro anda para o Norte, numa cavação qualquer, não lhe pude conseguintemente, dar o seu recado. Nós aqui por casa vamos sem maior novidade. As meninas ainda em exames. O Titinho vae bem. Todos te mandam lembranças. Andas muito sózinho por ahi? Eu também ando, e estou no Rio. A solidão é dos velhos, meu caro; vamos nos conformando com ella, que a velhice, ja tão proxima, para isso foi feita. Escreve-me sempre, ao menos para distrair. Eu te escreverei sempre também. E até outra, meu caro Emílio.

Nestor

R. Itapiruá, 326.

24 — Referência irônica às letras para o novo rumo de seu pensamento não mais poderá aceitar isolamento aristocratização e o preciosismo nas idéias. Se a guerra não determinou uma compreensão da literatura como militância, a revisão de valores já se faz sentir, pois o crítico não mais defenderá o "doce refúgio do mundo interior", ainda que tente resolver a questão a partir do sentimento fraternal de amizade (Vide *O elogio do amigo*, publicado em 1921).